

Cristovão Tezza – *A tradutora*

Rio de Janeiro: Record, 2016

Donizeth Aparecido dos Santos¹

O romance *A tradutora*, de Cristovão Tezza, publicado pela editora Record em 2016, traz novamente à cena o casal de protagonistas do romance *Um erro emocional*, de 2010, e do livro de contos *Beatriz*, de 2011: Beatriz, a tradutora curitibana, e Antonio Donetti, o escritor paulista. Se os dois livros anteriores de Tezza apresentam histórias das vidas dos protagonistas, o início do relacionamento e o auge da paixão amorosa, este novo romance aponta para a inevitável ruptura, conforme o leitor poderá inferir já nas primeiras páginas do livro.

A narrativa é ambientada na cidade de Curitiba num período de poucos dias no início de 2014, quando o Brasil estava às voltas com os preparativos para a Copa do Mundo e para eleição presidencial que elegeu Dilma Rousseff, e ainda enfrentava a ressaca das manifestações de julho de 2013, ou seja, num período em que já estavam se esboçando os conflitos sociopolíticos que explodiram em 2015, acompanhados de uma profunda crise econômica. Esses elementos externos são habilmente internalizados por Cristovão Tezza na estrutura da narrativa, compondo o pano de fundo do cenário por onde circula Beatriz com suas conversas e reflexões. Nesse sentido, vale lembrar as observações feitas por Antonio Candido (2000), de que a literatura para ser elaborada depende da ação de fatores do meio em que é gerada, que se exprimem na obra literária em vários graus de sublimação, e que os elementos sociais, externos à obra literária, tornam-se internos, transformando-se em elementos que desempenham papéis significativos na constituição do texto literário, de modo que ele se forma a partir do contexto, que dá “lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos” (Candido, 1972, p. 79).

Toda a narrativa de *A tradutora* é realizada a partir da memória de Beatriz, por meio de diálogos, imaginários ou ocorridos, organizados numa aparente desordem narrativa. Esse fato revela a habilidade do autor em trabalhar com uma complexa teia narrativa em que passado, presente e futuro se misturam, de forma que a cronologia da história narrada só é

¹ Doutor em letras e professor da Faculdade de Telêmaco Borba (Fateb), Telêmaco Borba, PR, Brasil. E-mail: donizeth.santos@hotmail.com

possível ser estabelecida havendo um entendimento tácito entre narrador e leitor, com o reconhecimento das estruturas de apelo e o preenchimento dos vazios do texto conforme preconiza Wolfgang Iser (1996), ao afirmar que todo texto literário possui pistas que orientam o leitor para uma leitura coerente (estruturas de apelo) ao mesmo tempo em que deixa lacunas (vazios do texto) que devem ser preenchidas pelo leitor.

Esses diálogos orquestrados pela narradora vão revelando, aos poucos, entre as idas e vindas temporais, a história da protagonista: suas angústias e dúvidas, bem como os problemas enfrentados por essa tradutora curitibana de 30 e poucos anos.

A história tem início com Beatriz às voltas com a tradução de um livro do filósofo catalão Felip T. Xaveste, trabalho conseguido graças à indicação feita pelo namorado Donetti ao editor Chaves. Xaveste é um intelectual de tendência conservadora, cujo pensamento podemos acompanhar por meio dos trechos traduzidos por Beatriz inseridos em itálico na narrativa. Em contraposição ao pensamento conservador do catalão há o pensamento progressista de Donetti. Essas diferentes visões de mundo se chocam muitas vezes no decorrer da narrativa, conforme Beatriz vai traduzindo trechos do livro e confrontando-os com as ideias do namorado, fato que lembra a atual polarização política, que dividiu os brasileiros em campos ideológicos opostos.

No início do romance, enquanto Beatriz está envolvida com a tradução e ao mesmo tempo sendo assaltada por pensamentos e conversas reais e imaginárias travadas com Donetti e com a amiga Bernardete, ela recebe uma ligação que traz uma tentadora oferta de trabalho: acompanhar durante alguns dias, como tradutora pessoal, um importante funcionário da área de *marketing* da Federação Internacional de Futebol (Fifa), o alemão Erik Höwes, que vem à Curitiba para vistoriar a Arena da Baixada, um dos estádios escolhidos para receber jogos da Copa do Mundo de 2014, e verificar o potencial mercadológico da cidade.

Dessa forma, há um entrelaçamento entre o individual – a carreira profissional e os problemas sentimentais de Beatriz – e o coletivo – a abordagem dos problemas sociais e políticos brasileiros do período.

No plano individual, salta aos olhos a transformação dos sentimentos da protagonista num curto período de tempo, em cerca de três dias. No começo da história narrada, enquanto trabalha na tradução do livro do filósofo Xaveste, ela pensa no meio mais apropriado de terminar o relacionamento de três anos com Donetti, de quem adquiriu uma espécie

de dependência intelectual que a está estrangulando e acabando com a sua individualidade, e por esse e outros motivos, entende que o relacionamento deve acabar o mais rápido possível. Ao mesmo tempo, é assaltada por recordações de um fim de semana em Caiobá, quando traiu sua amiga Jussara transando na varanda com o noivo dela enquanto todos dormiam no apartamento, situação que gera um sentimento de culpa e um segredo que a acompanham pelos anos seguintes. No desenrolar da trama, veremos que ela também se envolve com Erik Höwes, o funcionário da Fifa, e descobre-se apaixonada por Chaves, o editor paulista que lhe encomendou a tradução do livro de Xaveste.

No plano coletivo, marca presença no romance a reflexão sobre o início da crise político-ideológica brasileira, esboçada com as manifestações de rua ocorridas em julho de 2013 e agravada durante a campanha da eleição presidencial de 2014. Situação esta que posteriormente levou ao acirramento das tensões entre forças antagônicas da política brasileira, que por sua vez culminou no impeachment da presidente Dilma e na divisão do país em dois polos políticos antagônicos. Também emergem no livro vozes contestadoras do oba-oba em torno da realização da Copa do Mundo no Brasil, que levou à construção de estádios cujos custos bilionários foram bancados pelo Poder Público.

Todas essas situações são reveladas ao leitor de forma fragmentada pela memória de Beatriz. A narração é feita de avanços e recuos temporais por meio de anacronias narrativas: analepses, que evocam acontecimentos anteriores, e prolepses que evocam de antemão acontecimentos posteriores, conforme a teoria narrativa de Gerard Genette (1976). Desse modo, a história é narrada pelo fluxo de consciência da protagonista, de forma que o tempo da história contada difere do tempo da narrativa, ao mesmo tempo que ambos se misturam e quase se tornam uma coisa só na mente da narradora.

Por conta desses constantes deslocamentos temporais realizados pela memória de Beatriz, deslocamentos comuns no dia a dia das pessoas, mas não comuns na narração de um romance pela dificuldade que a tarefa acarreta, a estrutura narrativa de *A tradutora* lembra a definição de tempo feita por Santo Agostinho em *Confissões* (2004). Segundo o filósofo cristão, não haveria um tempo passado, por este já ter sido e não existir mais, e nem um tempo futuro, por este não existir ainda, de modo que esses tempos só podem existir na mente das pessoas no tempo presente. Dessa forma, haveria “o presente do passado, o presente do presente e o

presente do futuro. [...] O presente do passado é a memória; o presente do presente é a percepção direta; o presente do futuro é a esperança” (Agostinho, 2004, p. 273). Nesse sentido, o que existe é um tempo presente no qual estão presentes o passado, por meio da memória, e o futuro, por meio da espera. Assim o nosso tempo presente é permeado por deslocamentos temporais em direção ao que já passou, através da memória, e em direção ao futuro, por meio da espera do que está por vir.

É exatamente esse fluxo de deslocamento temporal que permeia a narrativa de *A tradutora*. Não há sequência linear, o que dita a narrativa é o fluxo de consciência de Beatriz, meticulosamente articulado por Cristovão Tezza, que transforma um aparente caos numa bela estrutura narrativa, que contém aquilo que mais sofisticado há em técnicas narrativas na literatura contemporânea. Vejamos um trecho do romance que exemplifica esses deslocamentos temporais articulados pela memória da narradora em que passado, presente e futuro se mesclam:

E eu sei como machucá-lo, Bernardete. Eu conseguia ouvir o cérebro dele se remoendo sob a ironia ofensiva. Só então lhe caiu a ficha: Quem seria esse Erik alguma coisa? Troquei o telefone de ouvido, do esquerdo para o direito, para compensar o início do torcicolo, porque eu queria as mãos livres, e um detalhe da entonação de Donetti revelou que ele havia bebido – o que reforçou instantaneamente meu desejo de rompimento. Esse filho da puta está bêbado às dez da manhã e quer que eu tenha piedade dele. *O paradoxo do Iluminismo*, ela digitou, conferindo o texto original só para pensar em outra coisa, *está no eixo entre nacionalismo e internacionalismo*, ou vale decir – o que eu ponho no lugar desta expressão?, perguntaria ao Chaves. “Vale dizer” não dá, dói no ouvido, e ele vai dizer, talvez fique melhor *isto é, ou seja, em outras palavras – em sua essência, a luta interminável entre ciência e política* (Tezza, 2016, p. 52-53).

No trecho citado, Beatriz se move pelo passado, as conversas com Donetti e Bernardete; pelo presente, a tradução do livro de Xaveste que podemos ver algumas linhas grafadas em itálico; e futuro, a suposição da conversa com o editor Chaves.

Na página 194, Cristovão Tezza parece nos dar uma pista sobre essa estrutura narrativa: Donetti envia, para leitura e apreciação de Beatriz, as primeiras sete folhas escritas de um romance revolucionário que estava escrevendo; esse livro, acreditava ele, iria colocá-lo de novo na cena da

literatura brasileira contemporânea. Ao receber o manuscrito com um bilhete do escritor – com as seguintes palavras: “*É você que está aqui. Por favor, leia*” (Tezza, 2016, p. 194) –, Beatriz lembra que Donetti havia comentado alguma coisa como “a representação da simultaneidade da consciência” como mote de seu romance. Seria o romance de Donetti o mesmo romance de Tezza? Ou inverso? Estaríamos diante um processo metaficcional, uma *mise en abyme*, que corresponde “a inserção de uma narrativa dentro da outra que apresente uma relação de semelhanças com aquela que contém” (Dällenbach, 1977, p. 18), ou seja, que haja uma reduplicação da história contada, de um livro dentro do livro?

Essa pergunta fica sem resposta, fica apenas a sugestão de que é possível. A única certeza mesmo é de que estamos diante de uma obra literária contemporânea tanto na história narrada quanto no modo de narrar.

Referências

- AGOSTINHO, Santo (2004). *Confissões*. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret.
- CANDIDO, Antonio (1972). A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 9, n. 24, p. 77-92.
- CANDIDO, Antonio (2000). *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz.
- DÄLLENBACH, Lucien (1977). *Le récit spéculaire: essai sur la mise en abyme*. Paris: Seuil.
- GENETTE, Gérard (1976). *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Veja.
- ISER, Wolfgang (1996). *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34.
- TEZZA, Cristovão (2016). *A tradutora*. Rio de Janeiro: Record.

Recebido em 17 de fevereiro de 2017.

Aprovado em 20 de junho de 2017.